

RESENHA

INDÍCIOS DO PORVIR DESOLADOR POR MEIO DA LITERATURA EM *DEPOIS DO FUTURO*, DE FRANCO BERARDI

BERARDI, Franco. *Depois do futuro*. Tradução de Regina Silva. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

Visitar e revisitar o catálogo da Ubu Editora deve tornar-se algo cotidiano no que se refere à nossa sede pelo aprimoramento do saber em diversas áreas culturais. Apesar dos relançamentos, em edições pomposas, de clássicos da literatura, o mais cativante da editora é o afã de difundir obras inéditas de pesquisadores brasileiros, ou de trazer à tona produções não traduzidas por aqui anteriormente – havendo livros que centram seus estudos na antropologia, psicanálise, literatura, arquitetura etc. Inserido na categoria de obras não publicadas no Brasil até então, encontra-se *Depois do futuro*, do filósofo italiano Franco Berardi.

A linguagem do autor não propõe uma abordagem totalmente acadêmica do tema em pauta; deparamo-nos, muitas vezes, com passagens que parecem vir do saber empírico do intelectual. Não que isso seja ruim; pelo contrário, aliás. Num uso da língua pouco hermético, o filósofo italiano, como bem destacou Amanda Mont’Alvão Veloso (2019), em resenha desse mesmo escrito para *O Estado de São Paulo*, lança mão de conhecimentos da psicanálise, da filosofia, da propaganda, das artes visuais e da literatura a fim de tentar encontrar respostas no que tange à ruptura do sentimento eufórico sobre o futuro, deslizando para o disfórico.

A crença no futuro, de acordo com o filósofo, adentrou o *zeitgeist* cultural até parte do século XX, sendo descontinuado a partir de 1968. A literatura, como podemos inferir via Berardi no contexto europeu e, principalmente, afirmar mediante Antonio Candido, no contexto brasileiro, antecipou a sensação de melancolia, proliferada mais tardiamente, de modo geral, na população média.

O ponto de partida de Berardi (2019, p. 13) é o artístico. Por meio das vanguardas, mais precisamente o futurismo, houve “o primeiro ato consciente do século que acreditou no futuro.”

Nascido da crença de que a aceleração do *modus vivendi* das pessoas, mediante uma obstinada modernização dos processos sociais, o futurismo compunha odes às máquinas, sendo elas “os meios de transporte [que] permitiriam chegar a cada centímetro do planeta, que pôde, assim, ser conhecido, marcado, esquadrinhado, submetido ao controle e à exploração.” (BERARDI, 2019, p. 19). Nessa ânsia pela descoberta havia o futuro, isto é, o desconhecido, aquilo que levaria certo período para ser esmiuçado.

O amanhã, nessa equação, estava altamente atrelado ao progresso tecnológico. Somente ele poderia oferecer as ferramentas necessárias com o intuito de compreender lugares obscuros. Fica claro, até agora, que o futuro está pautado na perspectiva de que há muito ainda o que ser feito. Mais detidamente no campo artístico, as vanguardas figuraram o anseio de conceber uma revolução estética; desse modo, a forma realista do romance, por exemplo, tornou-se anacrônica, incomodando estudiosos como Georg Lukács. O filósofo húngaro não via nessas obras vanguardistas, e pós-vanguardistas, o reavivamento das dinâmicas tensionais da História (JAMESON, 2013, p. 4); em outros termos, perdeu-se a totalidade das tensões sociais que a narrativa poderia movimentar.

Berardi (2019, p. 53) vê, nesse momento de deslocamento da figuração do real, um modo de modificar o tratamento artístico a fim de “torná-lo adequado ao modo de ser do real.” Se essa busca de inovação formal está intimamente ligada ao possível porvir, ela não parece ser o espírito dos romancistas da época. Como Auerbach (2011, p. 482) afirma, havia uma

[...] questão de posição do escritor diante da realidade do mundo que representa; posição que é, precisamente, totalmente diferente da posição daqueles autores que interpretam as ações, as situações e os caracteres das suas personagens com segurança objetiva, da forma que, anteriormente [nos romances do século XVIII e XIX], ocorria em geral.

A partir, *grosso modo*, de 1910, os sentimentos são representados, intimamente, ao extremo; a reflexão parece tornar-se o único meio de resistência para aquele indivíduo do romance “que não intervém no mundo, porque perdeu toda a confiança no valor de tal intervenção” (ZÉRAFFA, 2010, p. 51). O mal-estar da personagem destaca-se pelo enorme crescimento da cosmovisão individualista – requisitada pela dinâmica capitalista – e sua inelutável necessidade de viver no mundo, isto é, em relação com os outros: o social, assim, inscreve-se na vida psicológica dramaticamente, às vezes.

Desse modo, grande parte da sensibilidade dos artistas de então, não enxerga o progresso dos meios de produção euforicamente; ao contrário, eles sintomaticamente irradiam, na escrita, o brutal ritmo das modificações científicas, tecnológicas e econômicas. Quanto mais radical o movimento dessas modificações, mais desnorreamento ele propaga. A intermitente reorganização desses campos leva o sujeito a não os ver mais em conjunto, mas sim em retalhos. Para alguns literatos, por conseguinte, é inconcebível reproduzir o mundo ordenadamente, pois a própria vida é composta caoticamente, o que é sentido no próprio cotidiano. É nele que as personagens sondam o âmago de si mesmas. Do “entrecruzamento, da complementação e da contradição [temporais] surge algo assim como uma visão sintética do mundo” (AUERBACH, 2011, p. 495).

Ora, parece haver, nessas reflexões, um certo descompasso entre revolução formal – voltada para o futuro – e o que é representado por meio dessa revolução formal: senão um pessimismo dos escritores, mas um caráter cético em relação aos movimentos histórico-sociais, muito por meio de sua viva observação. Acredita-se que isso fique ainda mais claro na literatura brasileira, a partir da discussão acerca da “possibilidade”.

Segundo Berardi (2019, p. 80), a possibilidade “é a dimensão do futuro, admitindo que o futuro possa escapar das correntes lógicas ou históricas da necessidade dialética.” Na nossa literatura, principalmente a datar dos anos 30, há uma visão melancólica do presente que parece aporético; ou seja, o futuro é impossível.

De acordo com o sociólogo Sérgio Miceli (2001, p.163), muitos artistas da década de 30 sofreram, *grosso modo*, com a perda do poder econômico e simbólico dos quais eles participavam, sendo os únicos aptos para representar a ruína; assim:

[...] não há chance de obter nenhuma garantia de objetividade acerca do mundo social a menos que os produtores dessa reconstrução simbólica – sejam eles artistas, escritores ou cientistas – tenham vivido a experiência dramática de serem desalojados da posição social que o seus vinham ocupando, a única maneira de se familiarizarem com outros pontos de vista sem que por isso consigam se desvencilhar do setor da classe dirigente de que são originários.

O painel traçado pelo sociólogo nos dá a dimensão do que seria a alastrada perspectiva negativa sobre o presente, de que Antonio Candido (2017) trata com argúcia em “Literatura e subdesenvolvimento”.

Por meio das reflexões de Mário Vieira de Mello em *Desenvolvimento e cultura*, Candido (2017, p. 169) disserta acerca das noções de “país novo” – ou país do futuro, segundo as noções de Berardi – em que eram inseridas as nações da América Latina, havendo a “possibilidade de progressos futuros, e “país subdesenvolvido”. Neste segundo caso, percebe-se a tomada de consciência, por parte de alguns intelectuais, de que, em contraste com a esperança de crescimento, destaca-se a pobreza, a atrofia de um país, havendo a percepção de que as revoluções dos anos de 30 não fraturaram totalmente o *modus operandi* das nossas estruturas de poder.

Entretanto, Antonio Candido (2017, p. 171-2) afirma que a consciência generalizada do subdesenvolvimento – do fracasso, da falta de futuro – vem à tona após a Segunda Guerra Mundial; o romance regionalista de 30, no entanto, “adquiriu uma força desmistificadora que precede a tomada de consciência dos economistas e políticos.”

O entendimento dos escritores de 30, no que se refere à equação progresso/modernização, é que nela “está ausente qualquer crença na possibilidade de uma transformação positiva do país”. São inúmeras as prosas que implicam a modernização como o fruto de tensões histórico-sociais e ontológicas. Desde escritores de cosmovisão católica, mais atrelados à direita, como Jorge de Lima e Lúcio Cardoso, passando pelos não tão engajados politicamente, como José Lins do Rego e Cyro dos Anjos, até os de esquerda, como Graciliano Ramos e Jorge Amado. Parece haver um montante de obras em que não há reconciliação possível com a vida; há, no entanto, o prolongamento do passado narcisista – normalmente nas narrativas em primeira pessoa – que solapa o presente e impede o vislumbre do futuro.

A “esfera do pensável” (BERARDI, 2019, p. 81) está cerceada pela melancolia na literatura, muito antes da cisão marcada pelo filósofo italiano, acontecida 1968 – seja na produção romanesca brasileira, a partir dos autores já mencionados, seja internacionalmente, com Virginia Woolf, William Faulkner, Albert Camus etc. Dizer isso não significa desmerecer as boas reflexões manifestadas em *Depois do futuro*, principalmente no que tange à falta de homologia evolutiva entre a temporalidade interior moderna e a pós-moderna por meio da tecnologia; há de se reconhecer, no entanto, que, para alguns escritores – em sua aguda sensibilidade – o futuro já havia terminado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação de realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BERARDI, Franco. *Depois do futuro*. Tradução de Regina Silva. São Paulo: Ubu Editora, 2019.
- CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: _____. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Editora Ática, 1989. p. 140-162.
- JAMESON, Fredric. *The antinomies of realism*. London, New York: Verso, 2013.
- MICELI, Sergio. Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945). In: _____. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 69-281.
- VELOSO, Amanda Mont'Alvão. Filósofo italiano analisa como o mundo perdeu a confiança no futuro. *Estado de S. Paulo*, São Paulo, 13 de abril de 2019. Aliás. Disponível em <<https://alias.estadao.com.br/noticias/geral,filosofo-italiano-analisa-como-o-mundo-perdeu-a-confianca-no-futuro,70002787835>>. Acesso em: 15 de abril de 2019.
- ZÉRAFFA, Michel. *Pessoa e personagem: o romanesco dos anos de 1920 aos anos de 1950*. Tradução de Luiz João Gaia e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2010.